



Movimentos sociais e ensino de Geografia: reflexões a partir da aplicação de oficinas pedagógicas

Margarida Cássia Campos*

Vitor Ferreira de Souza**

Resumo: Em uma sociedade excludente, coloca-se em pauta a necessidade imperiosa de repensarmos e ampliarmos o papel que os espaços de luta desempenham na contemporaneidade. Nesse contexto, o presente ensaio busca discutir o tema movimentos sociais no ensino de geografia e o desenvolvimento da criticidade como uma possibilidade de formação do sujeito crítico. Utilizamos uma abordagem metodológica qualitativa, a partir da aplicação de duas oficinas pedagógicas, os instrumentos de pesquisas foram primeiramente levantamentos bibliográficos acerca da temática debatida, organização, aplicação e análise de uma atividade realizada em dois momentos, a primeira em uma sala do nono ano do ensino fundamental no Colégio Estadual Polivalente e a segunda no primeiro ano do ensino médio no Colégio Benjamin Constant, no município de Londrina/PR, em outubro de 2012 e abril de 2013, respectivamente, por último, organização dos resultados obtidos e sistematização da redação final.

* Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora adjunta na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

** Graduado em Geografia pela UEL. Professor de Geografia na Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto.

Social movements and Geography teaching: reflections from the application of educational workshops

Abstract: In an exclusionary society, the urgent need to rethink and broaden the role that spaces of struggle play in the contemporaneity is put in question. In this context, this essay attempts to discuss the theme social movements and Geography teaching as well the development of criticality as a possibility of formation of the critical subject. We used a qualitative methodological, from the application of two educational workshops. The research instruments were, initially, literature reviews on the topic discussed, organization, implementation, and analysis of an activity carried out in two moments, the first one in a classroom of ninth year of primary education located at “Colégio Estadual Polivalente” and the second one in a classroom of first year of high school at “Colégio Benjamin Constant” in Londrina/PR during October 2012 and April 2013 respectively. Finally, the last stages were the organization of the results achieved and systematization of the final essay.

Palavras-chave:

Ensino de Geografia;
movimentos sociais;
criticidade.

Key-Words:

Geography teaching,
social movements,
criticality.

Introdução

A contextualização do cotidiano e a formação do aluno cidadão são discussões presentes, desde o século passado, no campo teórico da educação e do ensino de geografia. Mesmo com os avanços que tivemos via ampliação dos diálogos e a construção de novas práticas, ainda observamos a dificuldade dos professores de geografia em operacionalizar os conteúdos trabalhados em sala de aula, referenciados a partir desta perspectiva.

Entre as diversas causas apontadas por pesquisadores que investigam a não contextualização do cotidiano em sala de aula, a fragmentação dos conhecimentos é um dos cerne da questão. Mais do que nunca, observamos uma sociedade especializada em ramos do saber, que traz como consequência a perda da totalidade e do conhecimento holístico. Para superar as deficiências, Morin (2003) elucida novas formas de pensar a sociedade e a aquisição dos conhecimentos. O autor, em seu livro “A cabeça bem-feita: repensar a reforma”, ressalta que a missão de todo sujeito é religar os saberes, dissociando-os do conhecimento fragmentado e da especialização dos profissionais, que reproduzimos desde o século XVI. O ensino de geografia e o conhecimento científico devem romper com os métodos “baseados na compartimentação científica” (MORIN, 2003, p.7) e repensar a estrutura curricular de maneira a consolidar expressivamente a interdisciplinaridade, neste sentido o referencial teórico-epistemológico e metodológico do presente artigo tenta dialogar com algumas áreas do conhecimento a fim de ampliar as análises das tensões presente no espaço geográfico vivenciado pelos educandos.

Portanto, os objetivos do ensino de geografia precisam ter sintonia com os desafios que a complexidade do mundo hodierno nos impõe. Entre estes, esta a difícil missão de tornar o aluno um leitor crítico do espaço geográfico. Para isso, é necessário “pensar em um ensino que forme o aluno do ponto de vista reflexivo, crítico e criativo. [...] um jovem preparado para enfrentar as transformações cada vez mais céleres que certamente virão” (PONTUSCKA, 1999, p. 112).

A partir dos apontamentos levantados, acreditamos que o debate do tema movimentos sociais no ensino de geografia, possibilita aproximações profícuas a respeito de uma prática educacional contextualizada, além de trazer para as discussões problemas sociais vivenciados pelos alunos de tal modo a repensar o seu cotidiano e aproximar teoria e prática.

Com este intuito, o presente artigo tem como objetivo apontar como a contextualização do tema movimentos sociais no ensino de Geografia pode contribuir para despertar a criticidade dos educandos. Para tanto, utilizamos uma abordagem metodológica qualitativa e o fio condutor foram duas oficinas pedagógicas ministradas no nono ano no Colégio Estadual Polivalente em outubro de 2012, e primeiro ano do ensino médio no Colégio Benjamin Constant em abril de 2013 no município de Londrina/PR, os instrumentos de pesquisas foram inicialmente levantamento bibliográfico, fundamentado em teóricos que debatem o tema trabalhado, elaboração, aplicação e análise da prática educativa e por fim sistematização da redação final.

Os movimentos sociais na luta contra o *status quo*

O estudo sobre movimentos sociais e a sua diversidade ampliaram-se consideravelmente nos últimos anos, apesar da “[...] lacuna de estudos e publicações, especialmente de ordem comparativa” (GOHN, 2011, p.334). Atualmente, os movimentos sociais possuem reivindicações variadas e, muitas vezes, divergentes. Borja (1975), Touraine (1969, 1994) e Castells (1999) deram contribuições expressivas a respeito da definição dos movimentos sociais, além de análises sobre a sua gênese e suas variadas manifestações. Os autores compreendem que um movimento social surge a partir da necessidade de reivindicar algo que afeta o coletivo negativamente.

O sociólogo Touraine (1994, p.254) define seu surgimento enquanto “um ator coletivo cuja orientação maior é a defesa do sujeito, a luta pelos direitos e a dignidade dos trabalhadores”. Para o autor, eles são efêmeros, já que a tendência é desarmar quando as reivindicações são contempladas. O sociólogo Castells (1976, p.321), em seu livro “*La cuestion urbana*”, dedica uma parte do capítulo “*La*

política urbana” à pertinência dos estudos dos movimentos sociais, o que, para ele, “nasce do encontro de certa combinação estrutural, que acumula diversas contradições, com certo tipo de organização”. O autor vai mais além e salienta que “todo movimento social provoca, por parte do sistema urbano, um contra-movimento que não é se não a expressão de uma intervenção do aparato político”.

Tais coletivos possuem muitas maneiras de reivindicar e adotam estratégias variadas “[...] passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas” (GOHN, 2011, p.335).

Em relação às pesquisas brasileiras, Gohn (1979, 1982, 1988, 1997) é uma das pesquisadoras mais influentes sobre o tema. Os seus trabalhos se caracterizam pela profundidade da compreensão das correntes teóricas que estudam os movimentos sociais. A autora analisa perspectivas e tendências, além de identificar quais os principais movimentos sociais no Brasil e na América Latina. Gohn (2008) os compreende como sendo ações sociais coletivas, que possuem tanto caráter sociopolítico quanto cultural, o que dá possibilidade à população de se organizar e expressar as demandas que a sociedade reivindica.

Doimo (1995) salienta que os movimentos sociais na América Latina possuíam relações diretas com as ditaduras instauradas nos países. Gohn (2011, p.342) reforça essa ideia e compreende que, no final dos anos de 1970 e início de 1980, os movimentos sociais populares estavam articulados aos grupos de oposição, como os “movimentos de base cristãos, sob a inspiração da teologia da libertação”.

Atualmente (2004), os referidos coletivos amadureceram e suas reivindicações não apenas se centram na luta pela justiça social, mas também no comportamento, valores, ética e hábitos alimentares da sociedade civil. Pode-se observar que os principais “atuam por meio de redes sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais ou transnacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet” (GOHN, 2011, p.335-336).

As Organizações Não Governamentais também desempenham, muitas vezes, papéis semelhantes aos movimentos sociais. Estes dois atores apresentam-se “[...] no cenário brasileiro como alternativa de exercício de cidadania e como atores políticos necessários para se alcançar o desenvolvimento sustentável” (HERCULANO, 2000, p.123). As ONGs adentram no campo teórico dos movimentos sociais, principalmente quanto se trata de desenvolvimento sustentável nas cidades e no campo, além da mudança dos hábitos alimentares, do consumo e dos valores morais e éticos que direcionam as ações da sociedade civil.

Os movimentos sociais como atores educativos

O tema movimentos sociais é debatido nos conteúdos curriculares de muitas disciplinas no ensino regular básico, entre elas, História, Sociologia, Filosofia, Geografia e Artes, tais disciplinas discutem a partir de diferentes enfoques a necessidade e a importância dos mesmos para a conquista dos direitos básicos, que a Constituição Brasileira garante para todo cidadão.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2013), promulgada em 1996, compreende que os movimentos sociais contribuem como um espaço informal de educação, em seu art. 1º apregoa que a educação “abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Portanto, os movimentos sociais também possuem a faculdade de serem atores educativos.

Gohn (2011, p.334) analisa a educação e os movimentos sociais em seu artigo “movimentos sociais na contemporaneidade”, e ressalta que a relação entre as duas se dá “a partir das ações práticas de movimentos e grupos sociais”. Para a autora, essa relação ocorre de duas formas: “na interação dos movimentos em contato com instituições educacionais, e no interior do próprio movimento social, dado o caráter educativo de suas ações” (GOHN, 2011, p.346). A autora vai mais além e ressalta que estes coletivos são fontes de informação e matrizes geradoras de saberes.

Particularmente, no ensino de geografia e também na pesquisa científica, os movimentos sociais urbanos vêm sendo estudados pelos professores das escolas e universidades. A especificidade desse conteúdo no ensino de geografia se dá pela sua influência no processo de produção do espaço (SOUZA JÚNIOR, 2008, p.60).

Na ciência geográfica, as pesquisas voltadas para os movimentos sociais que se desenvolvem no campo são recorrentes. Os geógrafos Manuel Correia de Andrade e Orlando Valverde, na década de 1950 e 1960 já abordavam conteúdos geográficos sob a luz deste tema, como a questão agrária brasileira e a luta dos camponeses.

Nas pesquisas científicas recentes, o foco dos movimentos rurais na Geografia se concentra “[...] no desenvolvimento de análises sobre os impactos das relações trabalhistas e a luta pela terra a partir da análise das territorialidades desses atores sociais” (SOUZA JÚNIOR, 2008, p.60). Já os urbanos, centram-se na produção do espaço e suas relações com os demais agentes produtores da cidade.

Movimentos sociais: práticas pedagógicas no ensino de Geografia

No segundo semestre do ano de 2012 e no primeiro semestre de 2013, realizamos duas oficinas pedagógicas de ensino de Geografia, primeiramente no Colégio Estadual Polivalente, com uma sala de nono ano, e depois no Colégio Estadual Benjamim Constant, numa sala de primeiro ano do ensino médio, o objetivo principal foi à discussão dos movimentos sociais e a pertinência de se pensar em novas possibilidades de reproduções sociais das populações inseridas nestas lutas e, conseqüentemente, desenvolver nos alunos a criticidade.

Existem várias maneiras de se trabalhar o tema movimentos sociais, porém é importante ter muita criatividade para pensar em metodologias, que priorizem a participação dos alunos de maneira ativa de modo que a aprendizagem seja significativa. Uma possibilidade para discutir os movimentos sociais na cidade e no campo é organizar um debate, a partir de questões polêmicas: reforma agrária no Brasil, invasão de imóveis no centro de grandes cidades, desalojamento de atingidos por barragens, direito à cidade, entre outros. Para isso é necessário organizar os educandos em dois grupos, para que um deles defenda-os e o outro os acusem.

Antes do debate, o professor deve levar para sala documentos que discutam os conteúdos a serem trabalhados a partir do tema movimentos sociais. O júri simulado é outra possibilidade muito similar ao debate, na qual se elege uma questão polêmica que englobe as discussões sobre movimentos sociais. Nesta metodologia, o professor deve escolher um réu, os advogados de defesa e de acusação, as testemunhas, sendo que o restante dos educandos será o júri, que deverá dar o veredicto individual ao final do julgamento, justificando por escrito a razão pela qual tomou aquela decisão.

A abordagem metodológica escolhida para as duas oficinas foi uma aula expositiva dialogada e posteriormente a aplicação de uma atividade com cartazes. Antes de iniciarmos, discutimos o tema “movimentos sociais”. A partir das respostas dos alunos, fomos construindo o conhecimento, inserindo conceitos que possibilitam um raciocínio espacial como: lugar, territorialização, conflitos, globalização, direitos humanos, cidadania, coletividade, classes sociais entre outros e incorporando ao mesmo tempo as práticas sociais provenientes das falas dos alunos.

Nesta etapa tivemos como suporte teórico as formulações de Cavalcanti. A autora aponta que nas aulas de Geografia:

[...] os alunos que estudam essa disciplina já possuem conhecimentos geográficos oriundos de sua relação direta e cotidiana com o espaço vivido; o desenvolvimento de um raciocínio espacial conceitual pelos alunos depende, embora não exclusivamente, de uma relação intersubjetiva no contexto escolar e de uma mediação semiótica. (CAVALCANTI, 2005, s/p)

Portanto, mesmo discutindo um tema que pode ser objeto de análise de outras ciências, o trabalho pedagógico foi feito para que o “aluno aprenda geografia, não no sentido de assimilar as informações geográficas, mas de formar um pensamento que lhe permita analisar a realidade na perspectiva geográfica” (CAVALCANTI, 2005, s/p). Com este mesmo intuito em um segundo momento, realizamos uma discussão dos vários movimentos sociais urbanos e rurais que ocorreram no território brasileiro, com ênfase nas configurações espaciais produzidas pelos mesmos ao longo da história. Para substanciar a aula, utilizamos imagens via data show para despertar a curiosidade dos alunos e facilitar a aprendizagem dos conteúdos.

A etapa da discussão sobre os movimentos sociais em sala de aula mostrou-se significativa, pois eles apontavam alguns presentes em sua cidade e na região onde vivem. Os alunos expuseram problemas, tanto da cidade quanto do campo, que eles e suas famílias enfrentam no dia-a-dia (poluição, criminalidade, falta de equipamentos coletivos).

O problema mais exposto pelos alunos da escola Benjamin Constant em relação ao bairro foi à questão do acúmulo de lixo. A escola e o bairro estão situados em uma área de baixa altitude, denominada de “buracão”. Em dias chuvosos, os resíduos provenientes dos bairros com altitudes mais elevadas vão para o quintal das residências de muitos alunos e para a escola.

Após a aula expositiva dialogada, passamos para a parte mais importante da oficina. Pedimos aos alunos que organizassem um grupo de três ou quatro integrantes para criarem um movimento com objetivo de reivindicar soluções de problema enfrentado pelos moradores do bairro. Nesta escolha praticamente todos os grupos, após alguns debates, conseguiram escolher um conteúdo referente à ciência geográfica (habitação, problemas ambientais, uso da terra, etc) para criarem um movimento social.

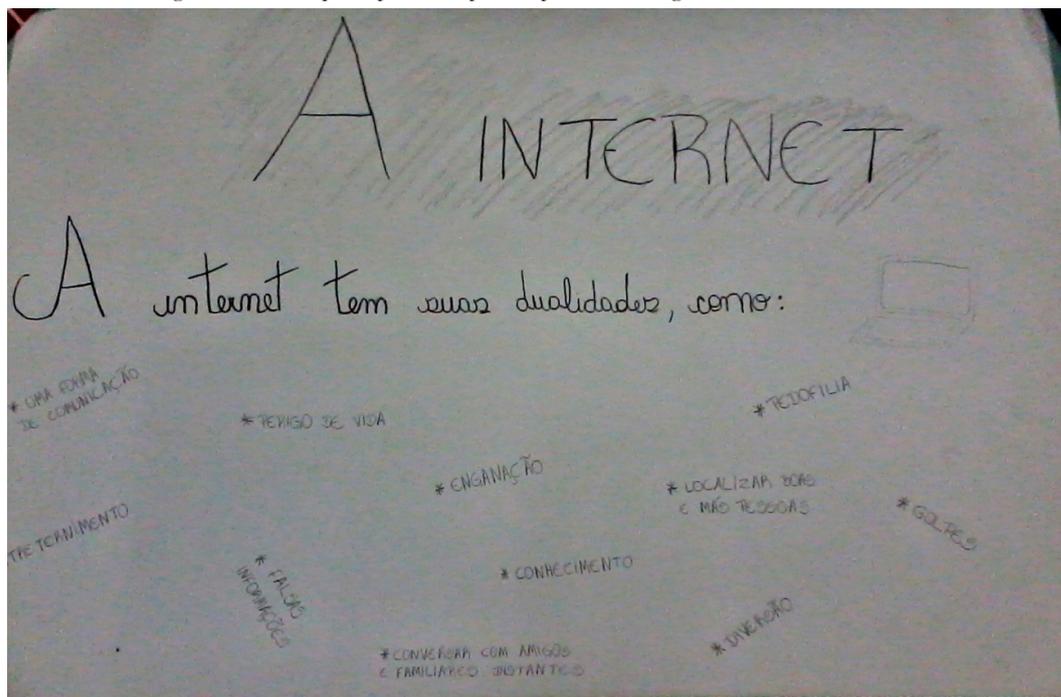
Após esta etapa, sugerimos aos alunos que criassem um slogan, ou uma bandeira e definissem os principais objetivos e cronograma de atuação do movimento. A metodologia em questão força os alunos a pensarem sobre os problemas do seu cotidiano e sobre como organizar a luta para reivindicar melhoria em sua comunidade. Vale a pena investir em atividades que possam produzir uma função transformadora da escola, neste sentido, contradizendo o que acredita Bourdieu e Passeron (1976), a instituição escola pode ser também um espaço de libertação da condição de miserabilidade em que vive o povo brasileiro, concebendo o princípio do conhecimento como condição primeira e tornando-se fundamental nesse processo a ação do professor como agente.

Após o término das propostas houve um momento profícuo, que foi a socialização das várias ideias criadas para constituírem os movimentos sociais. Nesta etapa ficou claro a criatividade dos alunos e como cada um deles, mesmo morando no mesmo bairro, possuem diferentes pontos de vistas em relação aos problemas que enfrentam. Enquanto para uns o principal problema a ser solucionado era o acúmulo de lixo, para outros esta não era uma questão importante.

Ao final das duas oficinas, selecionamos alguns cartazes dos movimentos criados pelos alunos. Separamos seis unidades, dois da turma do Colégio Estadual Polivalente e quatro criados pelos alunos do Colégio Estadual Benjamin Constant e, ao analisarmos os cartazes, percebemos duas grandes temáticas. A primeira composta por três cartazes, com preocupações direcionadas a problemas que atingem a sociedade, porém sem um culpado, e outros três cartazes direcionados a reivindicações de melhoria do serviço público e contestações ao trabalho realizado pelos políticos brasileiros.

A Figura 1 mostra o cartaz do primeiro grupo sobre as dualidades da internet. O meio tecnológico na vida dos alunos é cada vez mais presente, surgindo assim à necessidade de discutirmos como devemos educar as crianças e os adolescentes para saberem utilizar a internet, pois há diversos casos policiais que envolvem pedofilia, pornografia, violação da privacidade, incitação à violência e ao ódio, drogas e outros crimes na rede mundial de computadores. Mas, com a criação desse movimento pelos alunos, podemos perceber que alguns jovens compreendem os pontos positivos e negativos do uso da internet e os seus perigos.

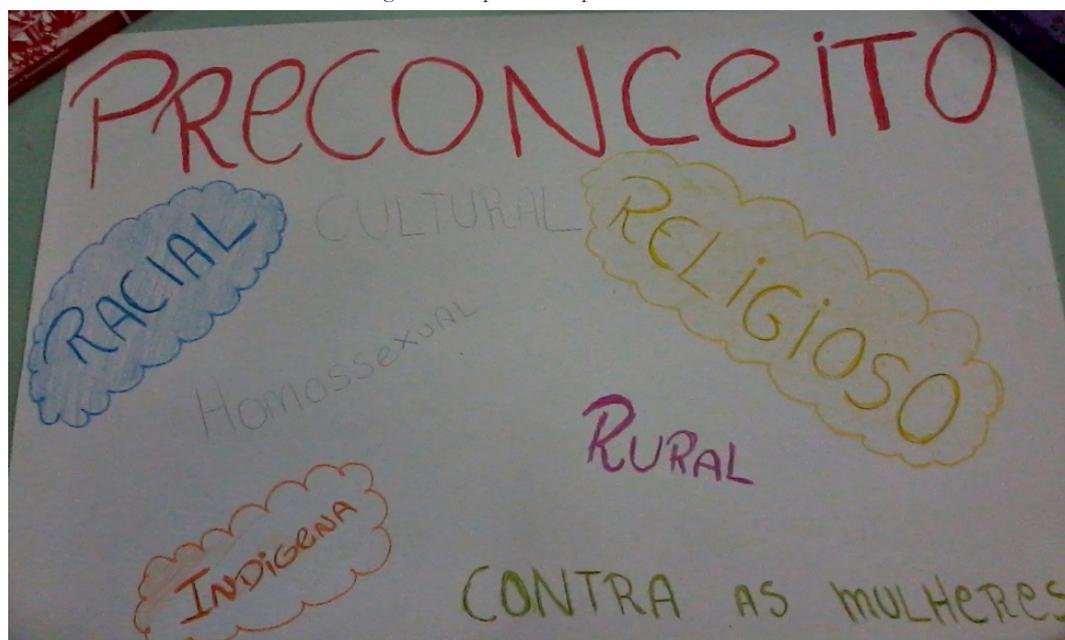
Figura 1 – Cartaz que expressa os pontos positivos e negativos no uso da internet.



Fonte: acervo do autor

Na Figura 2, um movimento que combate sete tipos de preconceito, com destaque do rural e cultural. Ao questionar os alunos sobre tais preconceitos, eles nos disseram que o primeiro estava ligado ao repúdio das ações das pessoas da cidade que acreditam que são mais civilizadas e mais cultas que aqueles que residem no campo, e o cultural relacionado ao preconceito contra a música e a dança de pessoas que “vêm de fora”. O exemplo que foi dado é o da cultura nordestina, que muitas vezes não é bem aceita pelos habitantes do centro-sul do Brasil.

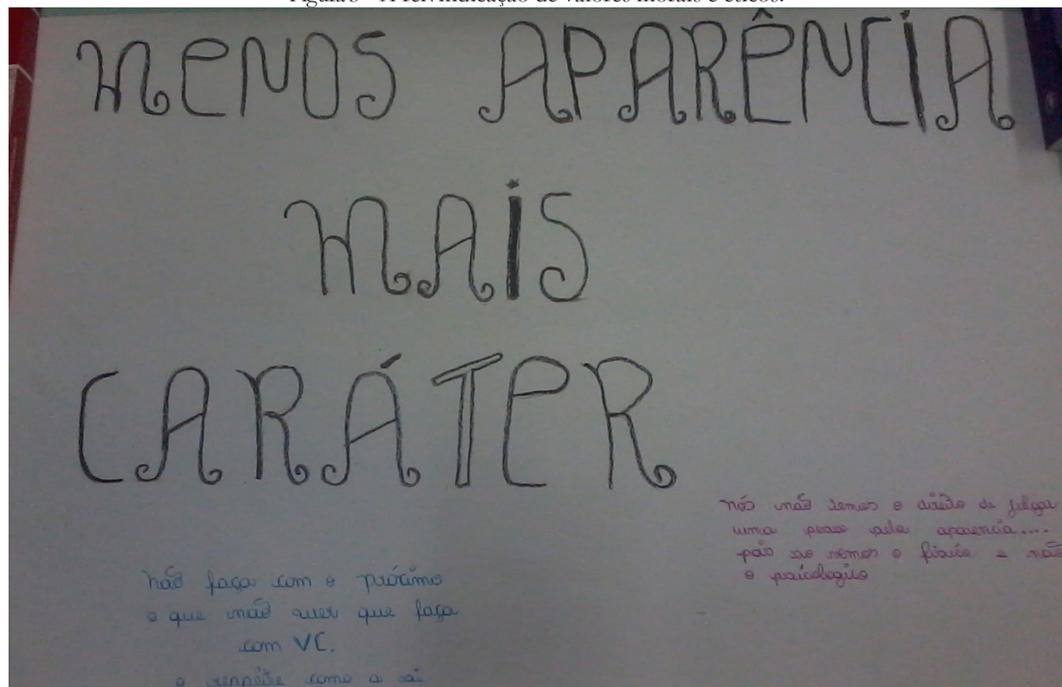
Figura 2 – Repúdio aos preconceitos.



Fonte: acervo do autor

A Figura 3 nos surpreendeu, pois reivindica “menos aparência, mais caráter”. Em uma sociedade do espetáculo, como coloca Guy Debord (1997) em suas várias obras, ou sociedade do consumo, estudada por Zygmund Bauman (2003) e Jean Baudrillard (2008), onde tudo é mercadoria, inclusive o corpo humano, a ideia que temos é que todos nós somos alienados, potenciais consumidores de aparência, ainda mais os jovens, que são os mais atacados pela propaganda. Isto prova que alguns jovens conseguem adquirir criticidade em meio a um ensino tipicamente reprodutor de ideias pré-construídas para a manutenção da sociedade capitalista, como apregoa Passeron e Bordieu (1976) e Mészáros (2008).

Figura 3 – A reivindicação de valores morais e éticos.



Fonte: acervo do autor.

No segundo grupo de temática aparecem dois movimentos ligados ao repúdio à corrupção (Figuras 4 e 5), um problema público e notório da sociedade brasileira, já que praticamente todos os dias somos lembrados pela impressão de que nosso país é corrupto e de que os políticos usam o dinheiro público para benefícios individuais e familiares. Na pauta das manifestações de junho de 2013, esse problema foi um dos mais lembrados. Um fato interessante é o aparecimento, nos dois cartazes, do episódio em que um político, num ato de corrupção, guardou o dinheiro ilícito na cueca, ocorrido em julho de 2005¹. Tendo em vista que os alunos possuem de 13 a 14 anos, e que o fato ocorreu quando eles tinham de 5 a 6 anos, e não possuíam nenhuma noção de consciência política e crítica, verifica-se que o acontecimento foi tão marcante para os brasileiros que os movimentos criados pelos alunos nesta atividade refutam a ideia de memória fraca do cidadão.

Por último temos, na Figura 6, o tema “Não sou bicho para viver no mato”. A aluna que teve a ideia narrou que ela morava perto de um vale abandonado pela prefeitura da cidade, e que, por isso, vários insetos e bichos peçonhentos entravam em sua casa. A mesma, juntamente com os pais, já havia comunicado o problema ao presidente da associação do bairro e pedido apoio junto aos políticos da região (vereadores) para reverter à situação. Isso nos mostrou não somente o movimento mais local de todos, mas também a plena consciência sobre como resolver os problemas que nos acometem em nosso cotidiano.

¹ No dia 05 de julho de 2005, em meio ao escândalo do mensalão, o assessor do PT, José Adalberto Vieira da Silva, foi pego no aeroporto de Congonhas (São Paulo) com quase meio milhão de reais. Uma parte do valor (US\$ 100.559,00) estava escondida em sua cueca.

Figura 4 – Contra a corrupção na política



Fonte: acervo do autor

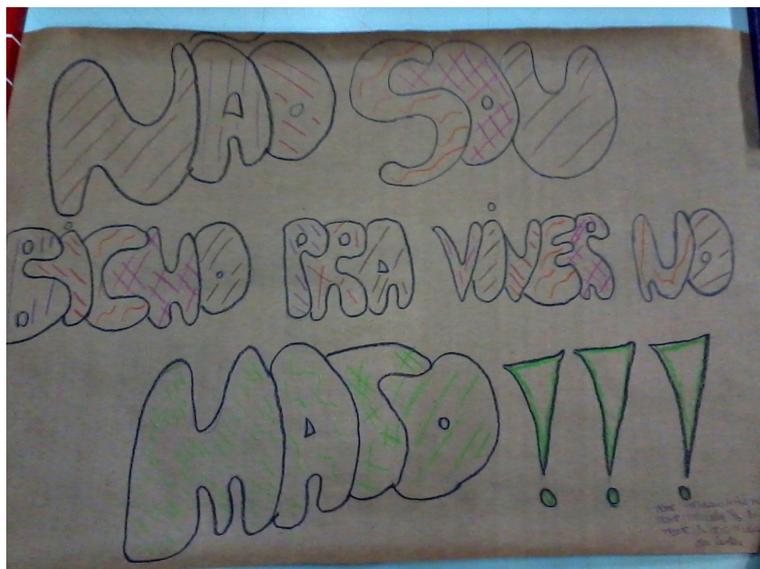
Figura 5 – Contra a corrupção na política



Fonte: acervo do autor

Tendo como base os resultados obtidos compreende-se que os movimentos sociais podem ser considerados como um dos pedagogos do campo e da cidade, pois cumprem um papel histórico de revelar as tensões e as contradições existentes na sociedade brasileira.

Figura 6 – Denúncia de um problema no bairro onde mora o aluno



Fonte: acervo do autor

Considerações finais

As duas oficinas mostraram um resultado semelhante no que se refere às reivindicações, pois os alunos clamam por direitos básicos da Constituição. Isso comprova a necessidade da sociedade civil pressionar os governantes se alcançar o desenvolvimento socioespacial.

Cabe ressaltar que o debate do tema auxilia na conscientização dos educandos no que se refere ao pertencer, sentir e interagir no lugar de vivência a partir de uma leitura de mundo do ponto de vista geográfico. Ao levantar debates sobre o cotidiano vivenciado, a Geografia trás a tona questões referente a categoria lugar, com possibilidades de contextualização das condições de vida do bairro, tais questões levam o aluno a perceber que a melhoria do lugar onde vive passa a priori por um processo de compreensão de mundo vinculado ao seu papel na construção de uma sociedade mais igualitária.

Ainda a Educação Geográfica tem possibilidades de elucidar as relações de poder que existem no espaço nas diversas escalas de análise, colocando em foco o papel do Estado, das classes sociais e dos indivíduos na organização espacial, abrindo um debate sobre a categoria território.

É possível também reforçar a ideia de coletividade, no sentido de colocar a tona, o poder que a população possui quando unida e articulada. Neste sentido é nítido que a discussão do tema movimentos sociais despertam a criticidade e o engajamento político dos educandos, sendo esses dois elementos indissociáveis para a sua formação de um sujeito crítico.

Referências

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 2008.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **A reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Trad. de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BORJA, J. **Movimientos sociales urbanos**. Buenos Aires: SIAP-Planteos, 1975.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB. Brasília, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 20 Jun. 2013.

Geografia Ensino & Pesquisa, v. 19, n.2 p. 41-50, maio/ago. 2015.

Campos, M. C.; Souza, V. F. de

- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **La cuestion urbana**. Trad. Irene C. Oliván. Buenos Aires: Siglo XXI, 1976.
- CAVALCANTI, L de S. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos**: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. Cadernos CEDES, Campinas, v. 25, n. 66, maio/ago de 2005.
- DEBORD, G. **A sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DOIMO, A. M. **A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70**. Rio de Janeiro: ANPOCS, 1995.
- GOHN, M da G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.16, n.47, p.333-512 maio/ago. 2011.
- _____. **O protagonismo da sociedade civil**: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.
- _____. **Movimentos sociais populares**: tendências e perspectivas. São Paulo: ANSUR, 1988.
- _____. **Revindicações populares urbanos**. São Paulo: Cortez, 1982.
- _____. Classes populares, periferia e movimentos sociais urbanos: o movimento das sociedades amigos de bairros em São Paulo. s/p 1979. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.
- HERCULANO, S. ONGs e Movimentos Sociais: a questão de novos sujeitos políticos para a sustentabilidade. In: _____. (Org.). **Meio Ambiente: questões conceituais**. Rio de Janeiro: Riocor-UFF/PGCA, 2000, v.1 p. 123-155.
- MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma. Reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- PONTUSCHKA, N. N. A geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 111-137.
- SOUZA JÚNIOR, X. S. de S. de. A participação dos movimentos sociais urbanos na produção do espaço de João Pessoa-PB. 2008. 341 f. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.
- TOURAINE, A. **Crítica da modernidade**. Trad. Elia Ferreira Edel. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- _____, A. **Sociologia de la accion**. Trad. Manuel Castells et. al. Barcelona: Ariel, 1969.

Correspondência:

Margarida Cássia Campos

E-mail: mcassiacampos@hotmail.com

Recebido em 16 de outubro de 2013.

Revisado pelos autores em 08 de agosto de 2014.

Aceito para publicação em 17 de agosto de 2015.